

Enquanto a fotografia não vem à luz: notas sobre memória e álbum de família ¹

Marcelo Barbalho²

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa

RESUMO

Vinte filmes fotográficos ainda não revelados, que contêm registros de uma viagem realizada quinze anos atrás pelo próprio autor, na companhia de seus filhos pequenos, funcionam como ponto de partida para este artigo. Enquanto as imagens desses filmes não vêm à luz, desenvolve-se uma reflexão sobre a fotografia como instrumento da memória familiar. A partir de autores como Pierre Bourdieu e Walter Benjamin, a fotografia é tratada como um instrumento da memória de uma família de classe média na primeira década deste século, em Fortaleza.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; arquivo; memória.

Este artigo, que tem origem no âmbito do álbum de família — o da minha própria família —, pode ser considerado a primeira parte de um trabalho que será apresentado na Intercom Nacional. Isso porque seu objeto de análise ainda não existe — ou melhor, existe apenas em estado latente. Trata-se de vinte filmes preto e branco, que serão revelados em breve. Eles guardam o registro de uma viagem de carro com meus filhos, realizada há quinze anos, de Salvador ao Rio de Janeiro pela BR-101(via litoral) e de volta à capital baiana pela BR-116 (via sertão). Enquanto os instantes fixados durante essa viagem não são revelados — e, a partir deles, é escrito um novo texto —, este artigo propõe uma reflexão sobre a fotografia como instrumento da memória familiar.

A fotografia testemunhou minha relação com meus filhos, Iara e Emiliano, e minha ex-mulher, Marina. Produzida entre 1999 e 2009, minha crônica familiar é composta por cerca de doze mil fotografias (em negativo, slide e polaroide), que mostram o cotidiano da vida de uma família de classe média de Fortaleza³. Ainda em estado latente,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa, e-mail: leitebarbalho@gmail.com

³ O álbum de família é um arquivo privado que possibilita a transmissão de memórias, valores e informações não apenas entre as pessoas ligadas afetivamente a uma família, mas também à sociedade, principalmente quando deixa de estar restrito ao ambiente familiar. No caso do álbum de família tratado neste texto, as fotografias podem fazer ressoar experiências vividas por outras famílias da capital cearense na primeira década deste século.

os filmes da viagem de ida e volta entre Salvador e Rio constituem um elo importante dessa produção. As fotos dessa viagem, realizadas após o fim de meu casamento, podem reavivar lembranças de um período amargo e conturbado, mas ao mesmo tempo mágico e libertário.

Meu álbum de família é fruto de uma motivação intuitiva e natural, típica de um pai com filhos pequenos que vê na fotografia um meio para documentar e recordar a vida familiar — “Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram” (BOURDIEU, 1965, p. 54). Eu estava dentro daquele pequeno universo, inserido na intimidade daquelas pessoas com as quais tinha uma ligação afetiva muito forte. Não havia um método de trabalho estruturado, uma lista de temas ou situações para serem registradas. Mas havia um acordo implícito entre nós. Não era preciso dizer nada para que aceitassem minha presença com uma câmera fotográfica no quarto de dormir, num supermercado ou num evento típico para celebrar laços familiares, como uma festa de aniversário. Nesse sentido, de acordo com Marianne Hirsch (2012, p. 78), o álbum de família é considerado o “resultado de um acordo entre os membros da família, produto de um autor coletivo e não de um único criador”.

Para Pierre Bourdieu (1965, p. 53), “o álbum de família exprime a verdade da recordação social”. Isso acontece porque as imagens do passado evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser preservados, pois o grupo familiar enxerga nesses acontecimentos um fator de unificação da sua unidade passada e, não menos importante, guarda do seu passado as confirmações da sua unidade presente. “É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais confiança e seja mais edificante do que um álbum de família” (BOURDIEU, 1965, p. 53).

Fotografar minha família não foi um ato declaradamente artístico, no sentido de buscar reconhecimento como um fotógrafo que expõe em galerias e museus – embora algumas dessas imagens privadas tenham se tornado públicas ao serem exibidas em livros e exposições. As fotos foram feitas originalmente para serem compartilhadas com pessoas próximas (pais, avós, irmãos, tios, amigos etc.), guardadas e revisitadas no futuro. Apesar disso, elas não se assemelham aos instantâneos tipicamente amadores, caracterizados por cenas mal enquadradas e personagens com “olhos vermelhos”.

Mais tarde descobri que esse tipo de fotografia é um filão reconhecido no campo fotográfico. Está presente na obra de nomes como Larry Sultan, Nan Goldin, Nicholas Nixon e Eugene Richards. No Brasil, poucos fotógrafos abordam essa temática – com o projeto “Feito em casa”, Luís Humberto, fotógrafo e professor da Universidade de Brasília (UnB), foi uma exceção. Esses autores, com interesses e abordagens particulares, não atuam conforme a convenção social, notada na maioria dos registros amadores, de construção de uma narrativa que realça tudo o que é positivo e agradável no ambiente familiar. Richards, por exemplo, fotografou o processo devastador de um câncer que levou à morte sua amiga Dorothea Lynch. Já o fotógrafo amador geralmente evita registrar momentos de tristeza, dor ou tensão. O amador raramente assume algum tipo de risco ao expor sua própria vulnerabilidade e/ou a de seus retratados. A fotografia é usada como uma forma de autoafirmação pessoal e familiar, sem revelar fragilidades ou inseguranças.

Ao revelar os filmes de quinze anos atrás, a expectativa não é simplesmente resgatar a memória visual da vigem que eu e meus filhos fizemos juntos quando eles eram crianças. Mas ressuscitar lembranças que estão além dos instantes registrados nas imagens e ser apanhados pelos sentimentos provocados pela via de mão dupla entre passado e presente⁴. Ao escrever sobre a obra de Marcel Proust, Walter Benjamin (1985, p. 37) afirma que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. De fato, coisas que vieram antes e depois daquela viagem podem manifestar-se por meio das fotos. Algumas podem ser previstas neste momento, outras não.

Algo semelhante, talvez, ao que se observa no documentário “Conversações em Vermont” (1969), de Robert Frank. O curta-metragem é uma tentativa do fotógrafo de se reaproximar de seus filhos e recuperar um pouco do tempo em que estiveram separados. O filme se desenvolve em torno do encontro de Frank com Pablo e Andréa, na época

⁴ É preciso deixar claro que o lapso de tempo notado aqui não é totalmente proposital, como o percebido na obra de artistas como Gabriel Mario Vélez, Isidoro Valcárcel Medina e Óscar Molina. Muito menos se trata de um intervalo ocasionado por uma fatalidade, como a morte do fotógrafo Garry Winogrand, em 1984. Winogrand deixou centenas de rolos de filme sem revelar. Quatro anos depois, por conta de uma exposição póstuma em homenagem a Winogrand, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MOMA) mandou revelar os filmes e fazer cópias-contato de todo o material. John Szarkowski, diretor do departamento de fotografia do museu, selecionou algumas imagens que foram ampliadas e expostas com as cópias-contato (FONTCUBERTA, 2022, p. 46).

recém-saídos da adolescência. O trio recorda o passado, quase sempre com auxílio de fotos e cópias-contato levadas pelo próprio autor para a fazenda da família em Vermont. A conversa, por vezes, é difícil, dura e dolorosa. O filme é o primeiro de uma trilogia de Frank sobre si mesmo e sobre a relação que mantém com seus filhos. Minhas imagens também compõem um trabalho autobiográfico que implica num exercício de autoanálise, com objetivo de discutir a memória a partir da fotografia de família.

Apesar de ser um trabalho autobiográfico que se expressa como uma crônica familiar, os filmes expostos e guardados há quinze anos, à espera de serem revelados, podem contribuir para uma reflexão sobre a supressão, proporcionada pela fotografia digital, do intervalo entre o momento do clique e a visualização da imagem. Joan Fontcuberta (2012) afirma que a latência da imagem fotográfica, além de uma dimensão mágica e poética, representa uma “aposta”. “De modo geral, a presença da imagem latente como mediação entre a experiência visual e a imagem consumada nos fala de esperança e desejo: das esperanças e desejos que depositamos em um ato de expressão cujo resultado permanece no terreno da incerteza” (FONTCUBERTA, 2012, pp. 39, 40). Isso parece desaparecer com as novas tecnologias. Hoje, qualquer pessoa pode tomar uma fotografia e visualizá-la imediatamente, além de propagá-la para outras pessoas via redes sociais, contribuindo assim para o grande fluxo de imagens online.

CONCLUSÃO

As ideias esboçadas aqui se desdobram em dois caminhos: o arquivo fotográfico que constitui meu álbum de família e os filmes não revelados, que se cruzam e se complementam num processo que capaz de complementar uma parte importante do meu percurso fotográfico familiar. E esse conjunto de fotografias de um grupo atado por laços de intimidade encerram uma temporalidade própria que, como afirma Eugênio Bucci (2008, p. 74), “vivificam o passado e expandem o presente”.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas (volume 1)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie**. Paris: Minuit, 1965.
- BUCCI, Eugênio. Meus pais, meus irmãos e o tempo. In: MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **8 x fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CONVERSACÕES de Vermont. Robert Frank. EUA, 1969. 26 min.

FONTCUBERTA, Juan. **A câmara de Pandora: a fotografi@ depois da fotografia**. São Paulo: Editora G. Gilli, 2012.

HIRSCH, Marianne. **Family Frames: Photography, Narrative and Postmemory**. Carolina do Sul (EUA): Createspace, 2012.

HUMBERTO, Luis. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.